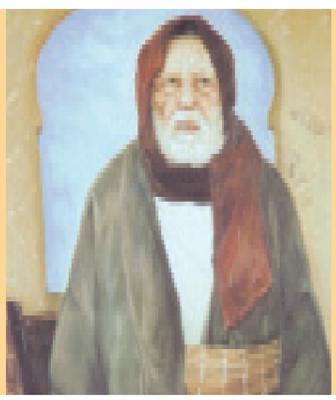


O ANJO



REPHAEL

♦ Páginas 6 e 7

ENTREVISTA

RABINO YOSSEF LANCY VISITA BELÉM

♦ Página 9



Óleo s/Tela "Floral Clássico" - Alegria Gabbay

HISTÓRIA

SUSSMANN
REBATE A
IGNORÂNCIA

♦ Página 3

EUA

HESBOLAH
O SEGUNDO
DA LISTA

♦ Página 4

ANO NOVO

TU-BISHVAT
EM GRANDE
ESTILO

♦ Página 11



טו בשבט

CRÔNICA

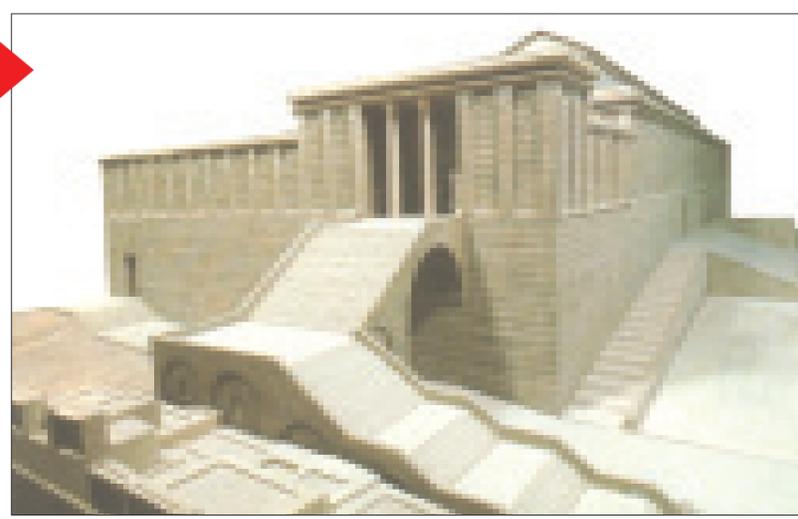
SALOMÃO:
O REI SÁBIO

♦ Página 10

CARTA

MOISÉS MELUL
REFLETE SOBRE A
COMUNIDADE

♦ Página 8



SOCIAL

CONFIRA
NOSSAS
COLUNISTAS

♦ Página 12




♦ Página 8

Novidades em livros e presentes

Na H'adai Books você encontra as mais recentes lançamentos literários: bíblicos,...

Rua ... nº ... Fone: ...

Thomas L. Friedman

Israel espera Godot

Talvez o fato mais revelador da próxima eleição israelense seja que, neste momento de crise intensa, um minúsculo partido, o da Folha Verde, que defende a legalização da maconha, poderá conquistar uma ou duas cadeiras no Parlamento. O lema do Folha Verde poderia muito bem ser:

"Já que todas as outras soluções foram testadas e falharam, que tal simplesmente se embriagar?" Cobri muitas eleições israelenses, mas nunca vi uma como esta. Nunca vi o público israelense menos interessado nos dois grandes partidos - na verdade, no evento como um todo. As razões não são difíceis de discernir. Os últimos dois anos de atentados e colapso do processo de paz deixaram este lugar em frangalhos.

Não que os israelenses estejam a ponto de se render. A fantasia palestina de que os judeus iriam embora se você pressionasse o suficiente estava equivocada. Mesmo assim, há uma profunda e crescente sensação de "sem saída" entre os israelenses, uma sensação de que todas as idéias foram experimentadas - ofertas de paz, repressão, colônias, assassinatos seletivos, a solução esquerdista e a solução direitista - e nada funciona.

Essa angústia ajuda a explicar parte das políticas bizarras em torno da votação do dia 28. Embora todas as pesquisas dêem maioria de votos ao Likud, de Ariel Sharon, isso parece resultar não da convicção de que o primeiro-ministro tenha soluções, e sim de velhas lealdades e da sensação de que ele é um escudo melhor para os israelenses se esconderem.

Enquanto isso, o Partido Trabalhista, de Amram Mitzna, tem o plano preferido pela maioria dos israelenses: separar-se dos palestinos. Mas o pessimismo quanto a qualquer plano limita o apelo de Mitzna. "As pessoas vivem com medo, num estado psicológico de choque", disse-me Mitzna. "Não acreditam mais que você seja capaz de negociar com o outro lado, então agarram-se ao que já conhecem - mesmo que não esteja funcionando. O que tento trazer é a lógica e a verdade, mas as pessoas estão pensando com o coração, não com o cérebro." Como nem os trabalhistas nem o Likud conquistarão cadeiras suficientes para governar sozinhos, eles dependerão

dos pequenos partidos, com suas estreitas agendas primitivas: dos grupos anti-religiosos aos ultra-religiosos, passando pelos que defendem os árabes israelenses, os russos israelenses e os judeus sefarditas.

O impressionante é que esses partidos tribais menores provavelmente ficarão com mais da metade das cadeiras. Assim, mais da metade do próximo Parlamento consistirá em partidos que não oferecem nenhuma resposta às mais profundas preocupações nacionais: o conflito palestino-israelense, a economia, as disparidades sociais. É como se os EUA fizessem uma eleição no meio da Guerra Civil e mais da metade dos partidos não tivesse opinião sobre a escravidão. Isto não é um acidente. Os israelenses realmente apóiam, por grande maioria, um governo de união nacional. Querem sentir-se unidos. Mas, na falta de um líder que possa oferecer isso, muitos se escondem em redutos tribais construídos sobre a idéia de uma tribo negando a outra.

"Os israelenses estão céticos quanto à paz neste momento, mas desejam desesperadamente uma fronteira", diz Moshe Halbertal, um filósofo israelense. "Querem uma fronteira para que os palestinos na Cisjordânia não possam mais se aproximar e matar os israelenses. Querem o fim dessa guerra de todos contra todos, na qual não há linha de frente. Eles não esperam a paz com os palestinos, mas querem uma frente para a guerra com os palestinos. Mas acho que eles também gostariam de um líder com uma agenda doméstica séria, com idéias de como os israelenses poderiam viver juntos e superar suas divisões internas. Eles procuram uma Terceira Via israelense."

Em resumo, o líder desejado é alguém capaz de construir uma fronteira com os palestinos e derrubar as fronteiras entre os judeus. Infelizmente, o Messias não consta da cédula nesta eleição.

Publicado no The New York Times
Enviado à esta redação pelo repórter

Salomão Mendes

CORRESPONDÊNCIAS RECEBIDAS

• Aprecia-me ler as notícias publicadas pelo jornal "Amazônia Judaica", que vem desenvolvendo surpreendente avanço em diversas atividades intelectuais, inspirando-se no sentimento religioso judaico, sendo assessorado por um excelente elenco de Diretores, Consultores, Redatores, Revisores e demais Colaboradores, reconhecidamente notabilizado no cenário cultural das Comunidades Israelitas da Amazônia.

Desejo a este respeitável elenco, que continue mantendo o elevado índice de sucesso, para que possa prolongar, por muitos anos, a edição deste extraordinário jornal.

Mazal Tov

Hernan Bendayan - Membro da Chevrá Kadishá - Belém-PA

• Prezado correligionário David

Foi com imensa satisfação que recebi o extraordinário jornal "Amazônia Judaica". Como paraense sinto-me orgulhoso desse precioso e primeiro jornal... Os números que você enviou, vou entregá-los à biblioteca da União Israelita Shel Guemilut Hassadim, a mais antiga sinagoga do Rio de Janeiro.

Parabéns, mais uma vez.

Prof. Rubem David Azulay - Rio de Janeiro

• **Amazônia Judaica** é o que se pode chamar de um verdadeiro arauto da comunicação do ishuv amazônico, divulgando e informando sobre os seus fatos mais importantes, tudo com muita seriedade e competência.

Regozijo-me com o extraordinário zehut de seus fundadores.

A reportagem sobre a "Comunidade Israelita de Pedra-Pintada" está muito boa.

Sou neto de Isaac José Perez Z'L. Suas filhas Clara (minha mãe), Sime e Mery residem aqui no Rio. Elas adoraram a reportagem e me pediram pra conseguir mais alguns exemplares.

Max Nahmias - Presidente do Museu Judaico do RJ

• Gostaria de assinalar minha felicidade por sua iniciativa e deixar votos de pleno sucesso.

Shalom ubrachot hatzlachá.

Israel Segal Cuperstein - Rio de Janeiro

• Sr. Diretor,

Desejo felicitá-los pela publicação do artigo de autoria do Dr. Yehudá Benguigui "Marcos Alves - O patriarca da família Elbaz" (Amazônia Judaica Ano I - nº. 9 - pg. 6 e 7).

O referido artigo, além de ser uma homenagem à memória de nosso avô materno, de quem herdei o primeiro nome, constituiu-se num verdadeiro "remédio" para a falta de memória daqueles que, escrevendo sobre a história das comunidades amazônicas ou sobre as suas Instituições, em livros e outros trabalhos publicados, esqueceram de mencionar a existência e a atividade profícua do primeiro Shaliach do Templo da Arcipreste Manoel Teodoro - Sinagoga Shaar Hashamaim, durante praticamente os últimos quinze anos de sua vida.

O artigo do Dr. Yehudá, além de contar a vida de Marcos Alves e de seus descendentes, é rico em informações que interessam a diversas outras famílias de nosso Ishuv, tais como: Levy, Benchaya, Benzaquen, Benguigui, Cohen, Fima, Athias, Tobelem e outras.

Está de parabéns o primo Yehudá por mais um artigo de alto nível e está de parabéns o **Amazônia Judaica** pelo resgate da memória da comunidade israelita de nossa região.

Chazák Veemátz!

Marcos Serruya Belém-PA

Jamazônia JUDAICA

O Jornal AMAZÔNIA JUDAICA

é um órgão independente, mensal, para divulgação do judaísmo na Amazônia.

Endereço: Av. Gentil Bittencourt, 378 / 303 Cep.: 66.035-340 - Belém - PA.

Tel.: (91) 241-7656 - Fax: (91) 222-3184

e-mail: amazoniajudaica@interconnect.com.br

■ Diretor e Editor
David Salgado Filho

■ Conselho Consultivo
Jacob Messod Benzecry; Elias Pazuello; Ramiro Bentes; Marcos David Nahon; Moisés Elmesany; Celso Neves Assayag e Morse Shimon Israel

■ Colaboradores
Simone M. Salgado; Clara Azulay; Abraham Benmuyal; Lise B. Serruya; Marcos Serruya e Zazá Jucá

■ Colaboraram nesta Edição
Yehudá Benguigui; Salomão Mendes, Sultana Levy Rosenblatt; Moisés L. Melul; Silvia Perlov; Mário Antonio Sussmann e Albert Franco

■ Arte e Impressão

■ Revisor
Inácio Obadia

■ Correspondentes em Manaus
Jorge Ney Bentes

Empresa Jornalística e Editora Gráfica M.M. & Lima Ltda.
Rua 28 de Setembro, 283. Fone: (91) 224-5301
Fone/fax: (91) 241-6219 - email: moraes@amazonline.com.br

■ Assinatura anual - R\$ 30,00 (trinta reais)
■ Preço do exemplar - R\$ 3,00

■ Os artigos assinados neste jornal, são de inteira responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião do AMAZÔNIA JUDAICA.

Ignorância ou propaganda?

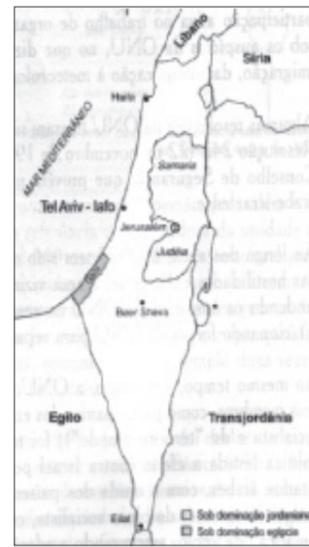
I

A maior obscenidade decorrente da propaganda travestida de “lições” de História, publicadas sob a responsabilidade de professores do Curso Objetivo, é incentivar, pela ignorância ou má-fé, ressentimentos oriundos da tragédia do Oriente Médio que atingem, sem distinção, os dois povos que reciprocamente se surpreendem com a irracionalidade crescente do conflito. Também não é desprezível o dano óbvio causado aos estudantes, ameaçados de reprovação, se o vestibular mantiver adequado padrão de exigência.

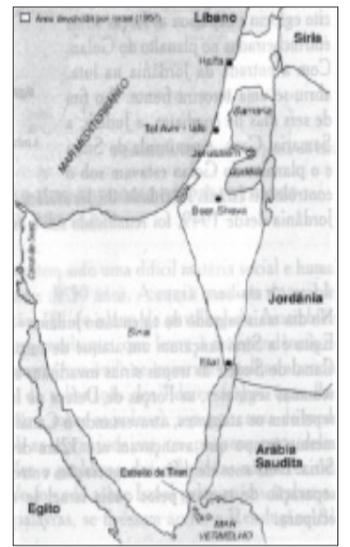
Outra obscenidade é omitir por completo o massacre de seis milhões de judeus na II Guerra, o que reavivou a famosa Declaração Balfour, de 1917, que “via com simpatia o estabelecimento na Palestina de um lar nacional para o povo judeu”, resultando na partilha do território do mandato britânico na Palestina através da Resolução 181, novembro de 1947. Foram criados dois estados, um árabe e um



• Divisão da área do Mandato pela Grã-Bretanha 1921-1923



• Linhas do Armistício de 1949



• Retirada do Sinai em 1956

pela famosa e bem treinada legião jordaniana. Apenas este ponto inicial demonstra o equívoco dos mestres do Objetivo, que começou com o nome de um judeu, Curso Albert Einstein, e agora, provavelmente, à revelia de seu proprietário, cospe no prato em que comeu. Se não é mera propaganda, a abordagem destes professores do início da Guerra dos Seis Dias, 1967, pressupõe que seriam rebaixados para a divisão do curso primário pelo Enem, tipo Botafogo e Palmeiras.

Esclareça-se: não se defende a ação de Israel contra palestinos ou vice-versa, mas tenta-se o esforço para evitar o aumento da já imensa irracionalidade, que no caso se manifesta via barbárie, e sobretudo importá-la para áreas que, até pelo exemplo da convivência, podem contribuir para arrefecê-la.

E mais: ofereço-me para ir debater, diante dos alunos, esta e outras questões sobre História, Política, Filosofia e, sobretudo, Hu-

10% e Jihad Islâmico 6%.

Como Arafat, apesar de acusado de tolerância ou de autoria oculta dos atentados, simboliza a expectativa senão de paz ao menos de cessar-fogo, a leitura evidente é que o povo palestino também está esgotado com tanto sofrimento pela irracionalidade que não parece, sob nenhuma das duas perspectivas, eficiente nem para a paz, nem para a destruição do outro. Apenas retroalimenta a dor.

Cada situação sempre exigirá enfoque especial da indagação e resposta própria. Sem dúvida é fácil manter o comportamento imoral de estimular ódios e ressentimentos em sociedade que, possuindo falhas, não é imoral, como a amazonense.

Judeus e palestinos em Manaus buscam serenidade para nunca resvalar para a irracionalidade do ódio coletivo.

Ocasionalmente encontra-se no Arcebispo sob o patrocínio deste maravilhoso D. Luiz

TRECHOS DA REFERIDA MATÉRIA ELABORADA PELOS PROFESSORES DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DO CURSO OBJETIVO

“... Sem consultar previamente a população da Palestina, em 29 de novembro de 1947, a resolução 181 da Assembléia Geral das Nações Unidas, considerando que a guerrilha e o terrorismo de organizações judias ameaçavam a paz, decide pela divisão da Palestina (ocupada pelos britânicos desde o final da I Guerra Mundial) em dois Estados: os judeus receberiam 57% do território, enquanto os árabes (que constituíam a maioria) ficariam com 43%. O Estado judeu (Israel) foi criado em 1948, mas o árabe jamais o foi, o que provocou a primeira guerra árabe-israelense, encerrada em 1949 depois de seis meses, com a derrota da Liga Árabe (Egito, Síria, Líbano, Transjordânia e Iraque). Com essa guerra, Israel estendeu seus domínios sobre a Galiléia e o deserto de Neguev. A vitória de Israel e a imediata ampliação de seu território, em cerca de 6000 Km² a mais do que o previsto pela ONU em 1947, provocou a fuga de um milhão de pessoas, dando início à Questão

Palestina”...

“...Em 1967, inicia-se a terceira e mais importante guerra árabe-israelense, a Guerra dos Seis Dias, na qual Israel atacou o Egito, a Jordânia e a Síria, conquistando a faixa de Gaza, Cisjordânia, Colinas do Gola (da Síria) e o deserto do Sinai, já devolvido ao Egito em 1978. Apesar da Resolução 242 da ONU, contrária a esse expansionismo, Israel não retirou suas tropas da Cisjordânia e da faixa de Gaza e instalou uma administração militar nos territórios palestinos ocupados, iniciando a implantação de colônias judaicas na região, contrariando as leis internacionais e intensificando a luta palestina. Desde esse conflito, os palestinos ficaram confinados a apenas cerca de 25% das terras determinadas pela ONU quando da partilha da Palestina em 1947”...

judeu. Os árabes rejeitaram e, antes mesmo da retirada dos ingleses, os exércitos do Egito, Jordânia, Síria e Iraque invadiram Israel com o propósito declarado de “afogar os israelitas no Mar Mediterrâneo”.

Os invasores determinaram a saída dos palestinos do território que lhes fora reservado, sob a promessa de que voltariam para ocupar tudo. Perderam. Apesar dos apelos do nascente Estado, que buscava amplo reconhecimento internacional, para que os árabes retornassem (possuem um partido com representação no parlamento israelense, o que não ocorre democraticamente em nenhum país árabe, ou os professores do Objetivo acham que os deputados iraquianos decidem com liberdade?), não voltaram. A área sobre a qual Israel avançou além da partilha original acabou ocupada pelos sobreviventes do Holocausto que continuavam chegando.

O que seria o Estado Palestino foi incorporado pela Jordânia, não por Israel, exceto a parte referida. Aliás, registra-se que o maior massacre de palestinos foi em setembro de 1971 de onde surgiu o “setembro negro” perpetrado

manismo. O que fizeram com os dois povos foi desumano. Se os professores do Objetivo querem participar do conflito, alistem-se mas não manipulem fatos a distância segura e muito menos tirem proveito da compreensível desinformação de estudantes (que ali estão para serem informados e não agravado o conhecimento ainda insuficiente).

II

A tal “matéria” vem no momento em que a intifada perde suporte entre os palestinos, da mesma maneira que as retaliações de Sharon só são apoiadas sob o trauma de alguma barbárie.

Segundo o Centro Palestino de Opinião, de dois mil entrevistados 39% acham que a intifada está atingindo seus objetivos e 36%, não. Em março o apoio era de 66% e 55% em agosto (margem de erro, 3%). A popularidade de Arafat despencou para 38%, 43% na última pesquisa. Ainda assim venceria eleições com 30% dos votos, candidatos do Hamas 18%, da Frente Popular pela Libertação da Palestina,

Soares Vieira, o que talvez esteja sendo revelado aqui pela primeira vez. Fazem negócios juntos, contratam entre si profissionais liberais. Conheço quem votou em Omar Aziz, de origem palestina, quando havia judeus disputando as eleições.

Quem ensina errado divulga a ignorância, favorece o preconceito. Os autores do texto mais do que equivocadamente motivados demonstraram despreparo. Ou o vestibular decaiu ou muitos alunos do Objetivo serão reprovados.

O Oriente Médio é, na origem, questão geopolítica, mas está sendo insidiosamente manipulado para gerar o ovo da serpente do anti-semitismo. Começa-se contra os israelenses, termina-se contra os judeus.

O inspirado Nelson Rodrigues se referia aos “idiotas da objetividade”. Talvez o leitor queira refazer a expressão.

Mário Antonio Sussmann
Manaus-AM

Hezbollah: na mira dos EUA pós - Saddam

Yehuda Benguigui
Especial para AJ

Analistas políticos em Washington DC estiveram recentemente debatendo sobre a questão internacional: qual a data precisa de início da campanha extremista muçulmana contra os Estados Unidos.

Parecia que o óbvio seria mesmo o famoso "September Eleven" - o dia 11 de Setembro de 2001.

Na verdade o verdadeiro marco foi muito anterior a essa data: o dia 23 de Outubro de 1983, que corresponde ao primeiro grande ato de infâmia e agressão contra os Estados Unidos após a II Guerra Mundial. Na manhã desse dia, os terroristas do Hezbollah mataram 241 marines e mais de 70 soldados franceses nas barracas das forças multinacionais encarregadas de manter a paz em Beirute. Esse evento foi um marco por dois motivos.

Foi a primeira vez que um grupo extremista muçulmano causou uma massiva mortandade contra um objetivo norte-americano. Também foi a primeira vez desde a II Guerra Mundial que uma força militar dos Estados Unidos falhou em retaliar a um ataque massivo contra seus efetivos. Atuando baixo estrita advertência do Secretário de Defesa Caspar Weinberg, a administração do Presidente Reagan rejeitou retaliar contra o Hezbollah, para não ameaçar a tênue relação e os inúmeros interesses estratégicos com a Arábia Saudita, nessa oportunidade. Ao invés disso, em consequência dessa agressão, as forças norte-americanas foram rapidamente evacuadas do Líbano. A falha em lançar alguma significativa resposta contra o covarde ataque aos soldados norte-americanos encarregados de manter a paz no Líbano, e ao invés disso, respondendo com uma urgente evacuação, foi um erro estratégico que resultou em catastróficas repercussões como demonstrou a história recente.

Embalados por seu sucesso, a força e o prestígio do Hezbollah foram tremendamente aumentados no sul do Líbano, bem como em todo o mundo árabe. Nos cinco anos seguintes, o Hezbollah consolidou o controle político dessa região e dedicou-se prioritariamente a atacar as forças de segurança de Israel estacionadas nas 14 milhas da faixa de segurança estabelecidas depois da evacuação parcial posterior à invasão ocorrida em 1982.

No período compreendido a 1983 e 1992, o exército israelense acampado nessa região sofreu 49 ataques suicidas ocorridos pelos terroristas do Hezbollah.

A atabalhoada retirada do exército israelense do sul do Líbano em Maio de 2000, decretada pelo governo trabalhista do Primeiro Ministro Ehud Barak, quase imitando a evacuação norte-americana de 1983, somente confirmou o que vários grupos extremistas muçulmanos já haviam concluído 17 anos antes: tanto o



aparato militar israelense quanto o norte-americano, não possuem "estômago" suficiente por perdas substantivas em baixas ou ameaças constantes de bombardeio proveniente de ataques suicidas.

Nos últimos 20 anos, o Hezbollah foi fortalecido pelo apoio dos mulahs do Iran, além de receberem total liberdade de movimento por parte da Síria, a autoridade de fato no país. O anterior, implicou em conferir ao Hezbollah como a virtual autoridade governamental no sul do Líbano. O passo seguinte foi o estabelecimento de uma ampla rede internacional de apoio financeiro e amplos mecanismos operacionais de mobilização de recursos que resultou num contínuo e sistemático suprimento que inundaram o sul do Líbano, tanto de armas quanto de recursos financeiros, bem como uma extensa rede de atividades sociais de amparo aos efetivos e familiares das operações de guerrilha e terrorismo do grupo.

Desta forma, rapidamente o Hezbollah se transformou em modelo e inspiração para todos as facções muçulmanas extremistas tanto sunitas como shiitas.

Assim, não foi de todo uma surpresa, quando as primeiras investigações sobre o recente ataque suicida ao "Paradise Hotel" e o lançamento de um míssil contra o avião da companhia israelense Arkia, em Mombaça, apontam para uma coalizão entre Hezbollah e Al-Qaeda.

De fato, um padrão claro de comportamento está sugerindo um ativo mecanismo de cooperação entre Hezbollah e Al-Qaeda. Serviços de inteligência ocidentais estão revelando um alto nível de cooperação entre operativos de Osama Bin Ladin e Imad Muganieh, o operativo terrorista do Hezbollah responsável pelas mais espetaculares façanhas do grupo em atrocidades e seqüestros no Líbano. Consta que o primeiro encontro de Muganieh e Bin Ladin, foi no início de 1995 e continuaram regularmente desde então.

Adicionalmente, desde que Al-Qaeda teve sua rede desmantelada no Afeganistão no final de 2001, se estima que entre 80 a 100 de seus militantes receberam passaportes falsos proporcionados por operativos do Hezbollah, até de serem relocados no Líbano,

Arábia Saudita e Yemen, bem como estabelecido células em países do Extremo Oriente como Indonésia, Tailândia, Malásia, Filipinas e Singapura.

É também conhecido que o Hezbollah opera na Faixa de Gaza e na Margem Ocidental há anos. Mas as recentes revelações do Shin Beith, de que Al-Qaeda também se juntou a eles, é uma clara evidência de um novo nível de cooperação previamente desconhecido.

É por esse motivo, que num panorama pós - Saddam Hussein, desmantelar a infraestrutura do Hezbollah, cuja localização é amplamente conhecida, deveria transformar-se na prioridade militar número um dos Estados Unidos. Operando em coordenação com as forças de defesa de Israel, os Estados Unidos deveriam eliminar as operações do Hezbollah no sul do Líbano, bem como identificar e neutralizar seus militantes em todo o mundo e desmantelar a rede financeira e de mobilização de recursos do grupo. Síria e Iran terão de ser advertidos claramente enquanto a possibilidade de sanções e retaliações caso contínuem com seu rol de fornecedores principais de apoio financeiro, operacional e estratégico ao Hezbollah. Para completar, faltaria que Arábia Saudita pagasse o preço diplomático por sua atitude tolerante e ambivalente na luta contra o terrorismo.

A perseguição implacável ao que restou do Al-Qaeda, certamente é justificável, tanto como uma prioridade operacional e estratégica, como pela natural sede de vingança em consequência do brutal ataque ocorrido em 11 de Setembro de 2001.

Mas, eliminar a organização terrorista progenitora e modelo, cujos métodos serviram de inspiração às demais, será no futuro próximo, não somente o passo racional como a medida justa e efetiva, em deixar claro às organizações terroristas e a seus colaboradores internacionais, que os mesmos não serão tolerados. Mensagem esta, que o governo dos Estados Unidos falhou criticamente em dar, há 19 anos atrás.



CIAM desenvolve conceito pioneiro de moradia assistida

Vencedor do 'Prêmio Bem Eficiente' (em 1999 e 2002), e agraciado com o 'Prêmio Direitos Humanos', esse outorgado pelo ex-presidente da República do Brasil - Fernando Henrique Cardoso (em 1998), em reconhecimento a excelência dos serviços que oferece a comunidade brasileira desde 1959, o CIAM - Centro Israelita de Assistência ao Menor, presidido por Anna Schvartzman, é uma entidade civil sem fins lucrativos, de natureza educacional, cultural, beneficente e filantrópica, que presta serviços a pessoas com necessidades especiais, favorecendo a inclusão social em um processo contínuo de aperfeiçoamento organizacional.

O CIAM funciona hoje em duas unidades - Centro de Educação e Desenvolvimento (CED) e Aldeia da Esperança, onde realiza diversos programas, sempre tendo em vista a sua proposta, que é a de favorecer a inclusão social. Para isso, o CED

atende pessoas com necessidades especiais, estimulando o desenvolvimento de suas potencialidades; para a inclusão escolar, ministra curso de formação para educadores para a prática da educação inclusiva e presta assessoria à escolas regulares, e a empresas e estabelecimentos comerciais; busca propiciar a inclusão de jovens no mercado de trabalho; oferece programas de estágios para universitários e professores; promove a sensibilização da comunidade local, entre outras atividades.

Pioneiro, o CIAM trouxe ao Brasil, o conceito inédito de moradia assistida vitalícia, com a fundação da ALDEIA DA ESPERANÇA, inspirada no modelo israelense do Kibutz Kfar Tikva. Atualmente, este programa está sendo desenvolvido somente em três países: no Brasil, através da Aldeia da Esperança; em Israel e na Suíça.

Aldeia da esperança

A ALDEIA DA ESPERANÇA tem hoje, 49 residentes, em uma área de 415 mil m², cada um morando em sua própria casa, e alguns casais dividindo o mesmo teto. Mas, todos, sem exceção, com a liberdade e a responsabilidade de qualquer cidadão.

Eles, no seu dia-a-dia, executam tarefas nas mais diferentes áreas de atividades, como na oficina de sacos de lixo, na cozinha, lavanderia, pomar, estufa e horta, na agropecuária, academia de ginástica e musculação, oficina de artes, no escritório, e também, no programa de vivência e inclusão profissional, trabalhando na região.

Ao ingressar na Aldeia, tanto o residente, como os seus familiares estão cientes de que uma equipe de profissionais zelará permanentemente pelo desenvolvimento da autonomia e independência de cada residente, dentro de um ambiente de total liberdade, onde ele poderá exercer seu papel de cidadão.

O CIAM presta serviços à toda comunidade brasileira, oferecendo programas para pessoas com deficiência mental e distúrbios psiquiátricos, contemplando assim, toda a diversidade humana.

INFORMAÇÕES PARA A IMPRENSA: **Silvia Perlov** - MTB 25202
Tel. **3088-6302** / Cel. **9917-1878** (SP) - E-Mail: arperlov@uol.com.br

bemol A SUA MELHOR ESCOLHA
<http://www.bemol.com.br>

| | |
|--|---|
| <p>BEMOL ALMOÇO Rua Almeida, 200 - 1º andar - Centro Tel: 3088-6302</p> | <p>BEMOL DO COMÉDIO (CROQUÊS) Rua Almeida, 200 - 1º andar - Centro Tel: 3088-6302</p> |
| <p>BEMOL PIZZARIA Avenida Paulista, 1500 - 1º andar - Bela Vista Tel: 3088-6302</p> | <p>BEMOL HAMBÚRGUER Avenida Paulista, 1500 - 1º andar - Bela Vista Tel: 3088-6302</p> |
| <p>BEMOL SANDUÍCHES Avenida Paulista, 1500 - 1º andar - Bela Vista Tel: 3088-6302</p> | <p>BEMOL PÃO DE AZÚCAR Avenida Paulista, 1500 - 1º andar - Bela Vista Tel: 3088-6302</p> |
| <p>BEMOL BARRA Avenida Paulista, 1500 - 1º andar - Bela Vista Tel: 3088-6302</p> | <p>BEMOL TORTAS Avenida Paulista, 1500 - 1º andar - Bela Vista Tel: 3088-6302</p> |
| <p>BEMOL BISCUITOS Avenida Paulista, 1500 - 1º andar - Bela Vista Tel: 3088-6302</p> | <p>BEMOL SOBREMESAS Avenida Paulista, 1500 - 1º andar - Bela Vista Tel: 3088-6302</p> |
| <p>BEMOL BOM DIA Avenida Paulista, 1500 - 1º andar - Bela Vista Tel: 3088-6302</p> | <p>BEMOL TÊXTEIS Avenida Paulista, 1500 - 1º andar - Bela Vista Tel: 3088-6302</p> |

Paz e segurança: Um direito de Israel

Fica cada vez mais claro que a maior barreira a impedir a paz entre Israel e os Palestinos não é a alegada recusa de Israel em fazer concessões e atender às exigências árabes. Na realidade, quanto mais Israel oferecia (sob governo de Barak), mais os Palestinos exigiam.

Em Hebron - uma localidade em que 450 judeus vivem em meio a 130.000 Palestinos - os residentes judeus permaneceram em virtual estado de sítio, depois que as tropas israelenses foram retiradas da Cisjordânia. Os vizinhos árabes não interpretaram a paz como sendo uma razão para conceder aos judeus o direito básico a algum grau de tranquilidade para eles e suas famílias. A pressão para que todos os judeus fossem expulsos foi constante.

Os habitantes de Belém (Beit-Lechem) também têm tido sua parcela de problemas desde que a cidade foi entregue nas mãos de Yasser Arafat e dos Palestinos.

Muitos cristãos árabes se sentiram constrangidos a fugir ou enfrentar a ira de elementos islâmicos radicais. As alterações na população de Belém foram dramáticas.

A porção, que era de 80% de cristãos e 20% de muçulmanos, simplesmente se inverteu; hoje são 20% de cristãos e 80% de muçulmanos.

O fato de Arafat não ter negociado de boa fé é agora uma realidade concretamente visível, que não pode mais ser minimizada pelos seus defensores como sendo apenas uma exibição de rancor árabe (por supostas injustiças sofridas).

No final das contas, chegamos a uma conclusão inescapável: a atual liderança da Autoridade Palestina (AP) e a vasta maioria dos líderes islâmicos querem Israel fora da terra que eles reivindicam como propriedade

exclusiva dos seguidores de Alá. Essa motivação, que é pouco conhecida no mundo ocidental, constitui um elemento fundamental na atual reivindicação de Arafat e de líderes muçulmanos radicais: que o objetivo final tem de ser o de ganhar toda a Palestina para o Islã. Para eles, isso é uma cruzada - uma firme determinação de verem, como já indicam seus mapas, uma palestina sem Israel e sem judeus. Não nos enganemos! Para os radicais islâmicos, esta é uma guerra religiosa, em que o Islã luta contra os inféis em Israel, nos Estados Unidos e nas nações ocidentais.

Se a religião constitui um fator com algum grau de relevância nas atuais controvérsias que afligem o processo de paz, então é importante entender o que a Bíblia diz sobre o assunto.

Esta não é uma questão irrelevante, que devêssemos deixar nas mãos de teóricos e filósofos da religião. Trata-se de um aspecto fundamental, que deve ser trazido para a discussão sobre os direitos dos judeus à terra no Oriente Médio. Sem dúvida, ele tem profundo significado no que se refere às reivindicações islâmicas sobre a religião. De fato, a justificativa para a formação de regimes islâmicos tirânicos - tais como no Irã e no Sudão - baseiam-se numa interpretação do Corão que aprova a jihad (guerra santa) como instrumento de criação de um mundo islâmico.

Na atualidade, Arafat e outros líderes islâmicos afirmam que são ilegítimos as reivindicações de Israel baseadas em seus vínculos com a região em tempos remotos. Eles chegaram

até mesmo ao ponto de procurar dar credibilidade à ridícula idéia de que os antigos judeus não tiveram presença no Monte do Tempo em Jerusalém. Mas apesar de tais exercícios para incitar pessoas historicamente mal informadas, a arqueologia e uma abundante quantidade de documentos confirmam os direitos históricos, morais e legais dos judeus à Terra de Israel. A principal fonte que autentica as relações e os direitos dos judeus no Oriente Médio está nas páginas da Bíblia, onde são relatadas alianças, doações e promessas para futuro, que devem ser consideradas como irrevogáveis. Diversos fatores são fundamentais para compreender a relação de D-us com o povo judeu e sua associação com a terra de Israel.

Elwood Mcquai
Diretor chefe do The
Friends of Israel

Traduzido por Albert Franco



NOSSOS TALENTOS

ALEGRIA GABBAY BELICHA É FORMADA EM LETRAS E ARTES PELA UFPA. EMPRESÁRIA DESDE 1985, TRABALHA NA EMPRESA DE EXPORTAÇÃO CAIBA IND. E COMÉRCIO S/A, ONDE EXERCE A FUNÇÃO DE DIRETORA ADMINISTRATIVA. PRODUZ TELAS A ÓLEO DESDE 1976, ATIVIDADE QUE EXERCE COMO HOBBY.

• Quando e como começou o seu interesse pela pintura?

• Em 1976, comecei a pintar em casa, sempre nas horas vagas onde improvisei um ateliê. Pintava sem a preocupação técnica e produzi na época, alguns trabalhos em óleo sobre tela, que geralmente eram dados para pessoas da minha família. Na época, meu pai, de saudosa memória, foi quem mais me incentivou a iniciar um curso de pintura, pois achava que tinha tendência para as artes plásticas e por este motivo, após seu falecimento, resolvi homenageá-lo com um retrato a óleo em tamanho grande, que ampliei de uma foto. O resultado para mim foi surpreendente, pois consegui retratá-lo (mesmo sem nunca ter tido aulas de pintura), com traços muito semelhantes

aos seus.

A partir daí, não parei mais de pintar.

• Qual a influência de sua origem judaica em sua obra?

• Ultimamente, motivos religiosos têm sido a temática de meus trabalhos, onde retrato locais sagrados (Muro das Lamentações), passagens bíblicas (abertura do Mar Vermelho), Shavuot, mesa para Shabat, enfim, temas ligados à cultura judaica. É fascinante passar para a tela esse tema do qual meus antepassados fazem parte. Uma das maneiras de preservar a cultura de um povo é através da arte, e na minha pintura essa influência é acentuada, principalmente por fazer parte deste contexto.

CURRÍCULO ARTÍSTICO

• Curso Ateliê "Espaço x Arte" de Mário Barata.

• Curso de Pintura a Óleo no ateliê da Artista Plástica Cristina Monice.

• Certificado de Participação no curso ministrado pelo Artista Plástico Emanuel Nassar na Galeria Rômulo Maiorana em abril de 1995.

• Participação na Quarta Mostra de Arte da Marinha (1998) com certificado comemorativo à semana da Marinha.

• Participação na Quinta Mostra de Arte do Museu Naval da Amazônia (1999). Obra "Fragata União" - óleo s/ tela.

• Participação no evento de cunho nacional "I Feira do Livro Judaico" com 23 telas a óleo na Estação das Docas (2000), realização da Livraria Sefer-SP com apoio do Governo do Estado do Pará.

• Exposição de cinco trabalhos

com temas religiosos no Centro Israelita do Pará, por ocasião do lançamento da "Torá - A Lei de Moisés" na Livraria Haai Book's com a presença do Professor Jairo Fridlin da Editora Sefer.

• Participação da Sexta Mostra de Arte do Museu Naval da Amazônia (2001).

• Selecionada na Décima Mostra de Arte do CCBEU "Primeiros Passos" (Nov/2000).

• Terceiro lugar na X FEART - Assembléia Legislativa com a obra "Floral Clássico" (Dez/2001).

• Exposição no Espaço das Artes do Belém Hilton de seis telas incluindo "marinas" e "florais" (Out/2002).

• Participação na XI FEART da Assembléia Legislativa (Dez/2002).



OPINIÕES

Alegria possui uma qualidade essencial para quem deseja trilhar o seu próprio caminho, principalmente quando se trata do desafiante caminho das artes - acreditar naquilo que faz. Seu trabalho é reflexo dessa virtude e fico contente ao ver que essa trajetória está sendo concretizada.

Mário Barata II

ALEGRIA

A arte de Alegria é pura poesia visual. A suavidade das pinceladas transporta a sensibilidade da artista através de formas e cores que transcendem a proposta temática e resgatam os valores mais significativos e expressivos da arte tão necessários em nossa sociedade tecnológica. Na pintura de Alegria o contexto das imagens cobre e descobre, revela e oculta simultaneamente o enigmático sentido da vida em imagens de um profundo simbolismo lírico onde elementos místicos se misturam e se transfiguram harmoniosamente em uma relação cósmica entre o visível e o invisível, o concreto e o abstrato. É possível ensinar artes ou técnicas para o desenvolvimento do fazer artístico, porém não é possível transformar alguém em artista. O artista já nasce feito. Alegria já nasceu artista. Para alegria de todos nós.

Arcleidy Professor de Artes

BEN ZION IND. E COM.

Solidariza-se com idealizadores do Amazônia Judaica em prol do Judaísmo da Região.

Rua Marechal Deodoro, 75
2º andar Sala 05 - Centro
Manaus - Amazonas



ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO
AV. ALMIRANTE BARROSO, 791 - BAIRRO DO MARCO
FONES: (91) 226-0646 / 236-1533
E-MAIL: ANCHIETABEL@UOL.COM.BR



traduzindo sua emoção

Shopping Iguatemi - 2º piso

Shopping Castanheira - 3º piso

Mundurucus - 1818

ENTREVISTA MOACIR SCLiar

Realizada em
24/09/2002

♦ Que bons ventos o trazem à Belém?

• Eu venho de Porto Alegre, minha cidade natal, e onde moro atualmente. Vim à convite da Feira Pan-Amazônica do Livro. Não é a primeira vez que venho à Belém, já estive outras vezes. Trata-se de uma excelente feira, que traz escritores da atualidade, promove encontros com grupos jovens, enfim, é um "convite" que eu sempre atendo com muito carinho.

♦ Especificamente o que veio fazer?

• Não estou lançando nenhum livro, vim somente para dar palestras, autógrafos e foi exatamente o que fiz nesta tarde.

♦ Como é ser judeu de bomba-chá e chimarrão?

• Bem, é uma experiência seguramente bem diferente da que vocês tem aqui na Amazônia, porque no Rio Grande do Sul a presença judaica teve início em 1904, com a chegada de judeus russos especificamente da Bessarabia. Existia naquela época um projeto de colonização trazido pela "Jewish Colonization Association" no sul do país e também na Argentina. Chegaram à região, centenas de famílias russas que se estabeleceram no interior do estado. Resumindo, essa experiência não deu muito certo e não demorou muito para que a migração do interior para as grandes cidades como Erechim, Passo Fundo e Porto Alegre tivesse início. Meus pais, por exemplo, quando chegaram da Rússia, já foram direto para Porto Alegre, porque seus parentes que haviam chegado antes, os avisaram que a experiência não tinha dado certo. Hoje vivem no bairro do Bonfim o equivalente ao Bom Retiro de São Paulo. Uma comunidade com vida ativa, basicamente de classe média alta.

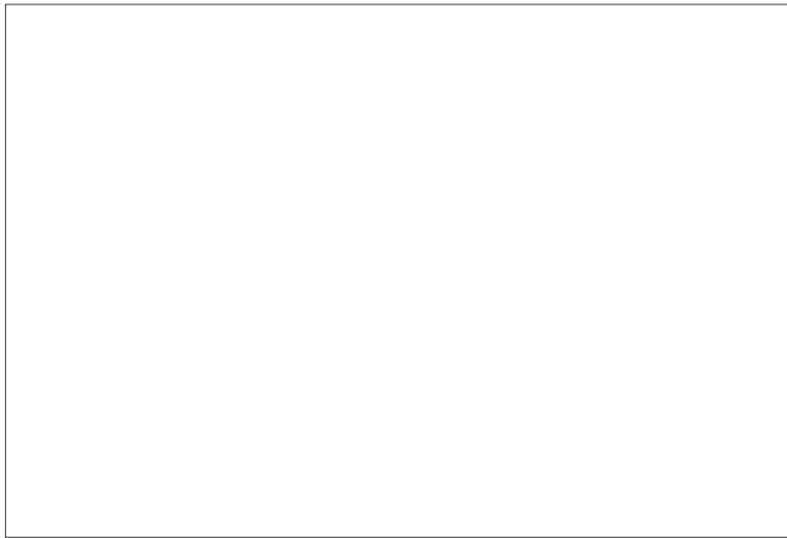
♦ Qual a sua opinião sobre a mística judaica?

• Eu acho o misticismo judaico extremamente inspirador no sentido de remeter a uma espiritualidade da qual as pessoas estão sentindo muita falta nos dias de hoje, porque nós somos uma sociedade muito materialista e essa possibilidade de uma visão mística para muitos é importante e acolhedora. Eu não sou propriamente um crente, como você pode imaginar...

♦ Como assim, o senhor seria então um ateu?

• Exatamente, mas eu tenho uma grande admiração pela religião de uma maneira geral e pela Cabala em particular, me fascina toda a concepção do universo cabalístico.

♦ Como você avalia o desempe-



• O escritor Moacir Scliar ao lado de Iana Pinto

nho da literatura judaica dentro do contexto nacional?

• Nossa comunidade não é muito grande, nós somos apenas 0,001% da população brasileira. Mas a verdade é que o nível cultural deste grupo é muito alto, com pessoas voltadas à atividades intelectuais, por isso muitos são escritores. Houveram, a meu ver, dois importantes escritores no passado recente que eram Samuel Habed e Clarice Lispector, ambos aliás, com problemas em relação ao seu judaísmo. Samuel era um caso típico de auto-ódio judaico. A Clarice não assumia publicamente a sua identidade judaica, e isso reflete exatamente a insegurança desses dois escritores que eram também imigrantes. Eu pertenço a uma outra fase, que é a dos filhos de imigrantes. A minha relação perante o judaísmo é diferente, eu não tenho vergonha de minha condição judaica, pelo contrário tenho orgulho. Minha literatura se enquadrará num gênero que podemos chamar de literatura de imigração. Muitos estão escrevendo sobre a experiência como filhos de imigrantes. Podemos constatar que atualmente existe um interesse muito grande, no Brasil, pela imigração, tanto é que a Rede Globo está fazendo a sua segunda novela sobre o tema. E se a Globo está fazendo, é porque realmente existe demanda nesse campo. Fico surpreso pelo número de pessoas que me procuram lá no Rio Grande do Sul querendo saber sobre a imigração judaica, e nem judeus são.

♦ Aqui no Norte a coisa não é diferente...

• Eu particularmente, acho a experiência da imigração judaica para esta região muito mais atraente e interessante que a do sul.

♦ Como você vê a aproximação do seu trabalho com o cinema?

• Atualmente os cineastas brasileiros estão descobrindo a literatura. Para um escritor sempre envidace ter o seu livro adaptado para o cinema. Que fique bem claro que uma coisa é literatura e outra é cinema. O diretor de cinema tem uma outra visão da história, ele cria uns personagens, elimina outros, muda a história (estória), e isto é inevitável porque no cinema existe outra maneira de narrar. E além disso tem o aspecto que o filme dura apenas duas horas. O escritor pode estender-se no livro. Acho, entretanto, que é uma coisa interessante pois chama atenção para literatura,

mas se eu tivesse de escolher entre escrever para o cinema ou livros, continuaria com meus livros.

♦ Qual a sua opinião sobre o conflito entre israelenses e palestinos?

• Deixa a nós todos muito angustiados. De certa forma, não se vê neste momento, muitas possibilidades de sair deste impasse que se criou lá, mais eu creio também que chegamos a um ponto tão absurdo, que as pessoas vão se dar conta que isto não vai levar a nada e que de alguma maneira as coisas vão se resolver. Todos sabemos que, em primeiro lugar o Estado de Israel ainda não está consolidado, que toda essa retórica de acabar com o estado judaico é papo furado de fanáticos. Mas por outro lado, é preciso reconhecer a existência de um outro grupo humano que tem direito a existência, e que precisa conviver. A grande dificuldade, na minha opinião, é que um grupo precisa do outro e por isso mesmo, nasce essa relação de intolerância. Tenho esperança que em algum momento vai ter uma voz sensata. Eu estava em Jerusalém quando Peretz era candidato, houve um atentado contra um ônibus e fui ver. Era algo horrível, as pessoas que estavam lá estavam revoltados, não dá para pedir calma em uma situação dessas.

♦ Uma palavra sobre as eleições no Brasil.

• O Brasil é um país muito injusto socialmente, chegando a um ponto insuportável, como se vê pela violência. Eu vejo os candidatos de acordo pelo menos neste ponto e o mais animador é que as propostas são mais parecidas que diferentes, porque aqueles que eram mais conservadores se tornaram menos conservadores e o mais radical, Lula, se tornou menos radical. Então há uma certa unanimidade e por isso não temos porque temer a relação de qualquer um deles com o Estado de Israel, mesmo o Lula tem grande apoio de grupos judaicos.

♦ Moacir, muito obrigado.

• Eu que agradeço e Shalom para todas as comunidades do Norte.

NONONONONO



CASA REBELO

Alberto Rebelo e Cia. Ltda.
Materiais de Construção,
Ferragens em Geral
e Artigos para Pesca

Fones:
234-8462
233-3405
Fax: **633-2690**

Rua Barão de São Domingos, 73
Centro - Manaus - Amazonas

BRA SCOMP

Brasil e Proposta são: "Quando está no trabalho,
não há alegres nem os momentos mais bonitos
quando não trabalhar, para que se chama não
veja isso e não desagrado, e desvirtuado e sua vida".

Endereço: Rua...
Distrito Industrial - Amazonas - Pará



Dra. Deborah Aben-Athar Unger
Dermatologista
CRM 5228

End.: Av. Serzedelo Corrêa, 1088
Fone/Fax: 241-0688 / 212-2841
e-mail: dermosecutor@ua.com.br

BEN ZION IND. E COM.

Solidariza-se com
idealizadores do
Amazônia Judaica
em prol do
Judaísmo da Região.

Rua Marechal Deodoro, 75
2º andar Sala 05 - Centro
Manaus - Amazonas

CARTA AO CIP

Chaverim,

Tendo integrado a Diretoria que dirigi essa entidade no biênio 91/93, considero-me com algum conhecimento de causa dos problemas que a afligem, especialmente os de natureza financeira.

Por isso é que interpretei como quase um ato de desespero sua recente carta de 05 do corrente que, em suma, trata do aumento do valor das mensalidades dos seus associados e a estipulação dela para os que ainda não o são, em defesa dos quais arrola uma série de argumentos, a meu ver válidos.

No entanto, tenho elementos de convicção me sugerindo que essa Diretoria, infelizmente, não alcançará um razoável percentual do objetivo perseguido, pelo simples fato de que a comunidade não se sentirá envolvida o suficiente para dar a resposta desejada e, mais que tudo, necessária...

Na minha opinião, não é que ela seja insensível. Pelo contrário, se bem estimulada ela deve dar respostas sim, haja vista, p. ex., os eventos organizados pelas organizações femininas, e alguns do próprio Centro.

Aqui, entendo, está fincada uma das principais raízes dos nossos problemas: ela não foi ensinada, ou melhor, induzida a desenvolver a consciência comunitária, e para isso eu encontro uma explicação.

É que, há algumas décadas, integravam a nossa comunidade industriais, comerciantes, exportadores, enfim, pessoas abastadas, graças a D-us que, com espírito comunitário, patrocinavam em grande parte o funcionamento das entidades. E pelo que parece não poupavam esforços

nem recursos financeiros: aí estão as nossas duas Sinagogas, uma delas admiravelmente majestosa, que parecem comprovar isso.

E não só o poder econômico da época. Muito mais que tanto, revelam que as pessoas eram coesas e sensíveis em sua preocupação com o coletivo. Mas, por outro lado, deixavam fora do processo os demais membros da comunidade, criando neles a idéia de que não havia necessidade de participar, e muito menos de contribuir. Obviamente, essa não foi a intenção de nós os antepassados de abençoada memória.

Esse "status quo" atravessou decênios. ao longo do tempo, no entanto, o perfil da comunidade foi mudando, a ponto de a maioria de seus membros ser atualmente constituída de profissionais liberais e assalariados, o que explica a sensível diminuição do poder econômico / financeiro que, talvez, não nos permitiria hoje erigir sequer uma parede de um de nossos templos, pólos de maior atração e conagração da comunidade.

Com isso, como resolver a equação inabitualidade de participar, de contribuir / menor capacidade financeira? Com um longo trabalho de conscientização de espírito comunitário que pode durar até uma geração mas que considero como sendo necessário fazer, e deve começar pelas crianças e jovens que são o futuro, sem deixar de procurar alcançar também, os adultos de hoje.

Nessa linha de raciocínio, acredito que administrações mais recentes do Centro, inadvertidamente, e sem também ter essa intenção, vêm deixando a maioria da comunidade alienada dos seus problemas.

Refiro-me à falta de um canal de comunicação permanente no qual não se relate apenas as boas novas mas, sim senhor, as dificuldades de qualquer tipo, trazendo a palavra oficial do seu principal órgão representativo sobre elas, gerando como lucro a eliminação do "disse-me-disse" e trazendo à baila discussões sérias sobre as mesmas. No tocante, por exemplo, às financeiras, uma pequena demonstração do movimento financeiro mensal da entidade, já as traria à luz e, espera-se, com a sua repetição periódica, o envolvimento das pessoas ou, pelo menos, o conhecimento de sua existência.

Até aqui me reportei, praticamente, a apenas um dos problemas que, no meu entender, atribulam a comunidade israelita do Pará. Nas minhas reflexões penso em

outros, que relaciono a seguir:

a) creio que o fato de possuímos várias entidades funcionando numa comunidade relativamente pequena como a nossa é fato passível de promover uma indesejável dispersão de energia e recursos que, se integrados e bem articulados, têm probabilidade de render melhores resultados. Que fique bem claro que eu não sou contra a existência delas;

b) a remessa para fora de recursos arrecadados a duras penas, por mais respeito e obrigação que devamos aos seus destinatários;

c) a falta de um pouco de profissionalismo no trato dos assuntos e no dia-a-dia da comunidade o que redundará, no mínimo, em desorganização. Por exemplo: não tenho conhecimento de que algum de nós possa provar fora de Belém, com um documento hábil, que é judeu;

d) penso que, na realidade, o Centro não sabe, com precisão, quantas famílias judaicas vivem em nossa cidade o que, pelo menos, lhe impede de conhecer melhor o universo motivo de sua existência e, assim, desempenhar sua missão com mais acerto do que já consegue.

Esses são alguns dos problemas que me ocorrem. É bem provável que muitos membros da comunidade façam suas reflexões sobre o tema e, dessa forma, visualizem outros. O mínimo que se deve esperar é que se discuta e se debata sobre eles, em busca de soluções.

A conjugação de tais dificuldades – com ênfase maior para o financeiro – compromete em muito a ação e a atuação do Centro, engessando-o e encolhendo-o de tal forma que ele não aparece o suficientemente necessário e desejável na vida da comunidade, criando em seu seio um sentimento de desimportância para com ele. Falta uma presença vigorosa e marcante da entidade mater liderando o ISHUV, fazendo com que as pessoas se conscientizem, se convençam da influência que o CIP tem em suas vidas.

Aliás, há um momento na vida de cada família de Belém em que a presença do Centro é exigida e ela aparece com toda sua força: é na hora em que se fazem necessários os serviços da Chevrá. E aí, com ou sem recursos financeiro, eles têm que ser realizados de qualquer jeito. Quem sabe não está aqui uma boa oportunidade para essa Entidade, daqui por diante, mostrar sua importância otimizando ao máximo os serviços já prestados nessa área. Com certeza idéias para isso não faltarão, quando o tema vier à tona. É claro, haverá quem ser feito um investimento inicial para que comece a aparecer aos olhos de todos que alguma coisa está mudando para melhor.

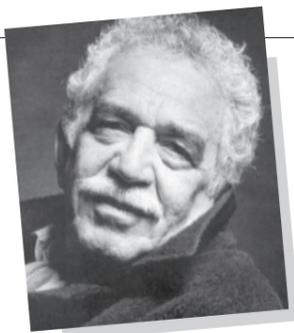
Caros chaverim, minha intenção com esta carta é, de alguma forma, contribuir para que o estado de coisas que domina nossa comunidade há anos mude consideravelmente para melhor.

Não faria justiça se não reconhecesse que essa Administração tem se esforçado para conquistar mudanças nesse sentido. Acredito que muitas outras também assim procederam, mas o que se conseguiu até agora, no meu entender, é pouco. Com certeza temos brios e capacidade para alcançar melhores níveis, não sem muito trabalho, perseverança e, principalmente, recursos financeiros.

SHALOM
Moyses Leão Melul

• **Nota do autor:** a carta acima, como se pode ver, foi escrita há cerca de quatro anos pelo motivo nela exposto. Hoje, possivelmente, o quadro pode haver mudado e algumas colocações já nem caberiam, ou outras novas podem haver surgido. O objetivo é não polemizar. Pelo contrário, tendo esperança que desperte o sentimento de coletividade.

• **Nota do Editor:** achamos por bem informar que a carta aqui divulgada foi entregue à Diretoria do CIP presidida pela Dra. Iana Barcessat Pinto atual presidente em seu primeiro mandato. Outro sim, comunicamos que apesar de sermos um jornal independente, existimos graças aos membros dos ishuvim da amazônia e portanto também nos solidarizamos com o conteúdo desta missiva e por este motivo, dispomos de espaço, na medida do possível, para todos aqueles que, de maneira, íntegra, honesta e educada, queiram expressar opiniões sobre este ou qualquer outro assunto de interesse comunitário.



Gabriel Garcia Márquez

DESPEDIDA

Nas últimas horas, os computadores do mundo todo, via Internet, reproduzem um texto de Gabriel Garcia Márquez que vive, lúcido e consciente, seus últimos dias de vida, vítima de um câncer linfático. No Brasil, o primeiro a divulgá-lo foi Marcio Moreira Alves, na sua coluna de O Globo. Todos se emocionaram com a despedida de Márquez, um

instante inesquecível da sensibilidade humana.

"Se por um instante, D-us se esquecesse de que sou uma marionete de trapo e me apresentasse com um pedaço de vida, possivelmente não diria tudo o que penso, mas certamente, pensaria tudo o que digo. Daria valor às coisas, não pelo que valem, mas pelo que significam. Dormiria pouco, sonharia mais, pois sei que a cada minuto que fechamos os olhos, perdemos sessenta segundos de luz.

Andaria quando os demais parassem, acordaria quando os outros dormem. Escutaria quando os outros falassem e degustaria um bom sorvete de chocolate. Se D-us me apresentasse com um pedaço de vida, vestiria simplesmente, me jogaria de bruços ao solo. Deixando descoberto não apenas meu corpo, como minha alma. Meu D-us, se eu tivesse um coração, escreveria meu ódio sobre o gelo e esperaria que o sol saísse. Pintaria com um sonho de Van Gogh sobre estrelas um poema de Mário Benedetti e uma canção de Serrat seria a serenata que ofereceria à lua.

Regaria as rosas com minhas lágrimas para sentir a dor dos espinhos e o encarnado beijo de suas pétalas. Meu D-us, se eu tivesse um pedaço de vida. Não deixaria passar um só dia sem dizer às pessoas – te amo, te amo.

Convenceria cada mulher e cada homem que são os meus favoritos e viveria enamorado do amor. Aos homens, lhes provaria como estão enganados ao pensar que deixam de se apaixonar quando envelhecem, sem saber que envelhecem quando deixam de se apaixonar. A uma criança, lhe daria asas, mas deixaria que aprendesse a voar sozinha.

Aos velhos ensinaria que a morte não chega com a velhice mais com o esquecimento. Tantas coisas aprendi com vocês, os homens... Aprendi que todo mundo quer viver no cimo da montanha, sem saber que a verdadeira felicidade está na forma de subir a escarpa. Aprendi que quando um recém-nascido aperta com sua pequena mão pela primeira vez o dedo de seu pai, o tem prisioneiro para sempre.

Aprendi que um homem só tem o direito de olhar um outro de cima para baixo para ajudá-lo a levantar-se. São tantas as coisas que pude aprender com vocês, mas finalmente, não poderão servir muito por que quando me olharem dentro dessa maleta (laptop), infelizmente estarei morrendo. Boa noite".

Sua diversão garantida nas melhores máquinas de bingo eletrônico da cidade. E com um pouquinho de sorte... hum!!! Você garante muito mais.



Serzedelo Corrêa, 900 - Telefax: 242-0790 - Fones: 224-0094 - 252-1958



Anuncie aqui!

Jamazônia JUDAICA

(91) 241-7656

amazoniajudaica@interconnect.com.br

TRANSPORTES
HEBRON

TRANSPORTES DE CARGA LOCAL,
CONTAINER, CABOTAGEM,
ALUGUEL DE EMPILHADEIRAS,
IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

Tel.: 615-6000 / 615-6014

Av. Dos Oitís, 5239 - Distrito Industrial II-Manaus-AM



ENTREVISTA YOSEF LANCRY

Realizada em 14/01/2003

- Shalom Rabino!
- ♦ Shalom Uvracha!

• Sendo paraense e nascido de uma família tradicional da comunidade de Belém, como era sua infância aqui antes de trilhar neste caminho devotado à D-us e a esse trabalho tão significativo de Sofer (Escriva)?

♦ Próximo a idade de Bar-Mitzvá, comecei a estudar com a minha avó Esther Lancry. Já nesta época vários jovens estudavam na Yeshivá de Petrópolis, como José Levy, Abraham Serruya, José Zagury. Gostava muito de ouvir as histórias deles da Yeshivá até que aos poucos fiquei muito interessado. Em 68 vieram rabinos da Yeshivá atrás de conseguir novos alunos e lá estava eu neste grupo. Fiquei na Yeshivá por cerca de três anos e meio e depois fui para Israel. Exatamente neste período que eu estive na Yeshivá, o Rabino Chefe era o rabino Gan Tsivi e não o Rabino Biniamin que todos conhecem e que até hoje é o Rabino Chefe da Yeshivá. Eu só viajei para Israel depois que meu querido pai, muito preocupado com nossa educação, recebeu de Israel a confirmação da Yeshivá de Porat Yossef, minha primeira Yeshivá em Israel. Então quando o Rabino Gan Tsivi embarcou para Israel, eu e muitos outros bachurim (jovens) estávamos no avião junto com ele.

• E Rabino, de onde veio a sua vocação para Sofer?

♦ Bem, não é bem uma vocação, na realidade foi "via das circunstâncias" digamos assim. Já na Yeshivá, me chamou a atenção, o fato de não haver ninguém que se preocupasse com o cuidado de Tefilin e Mezuzot. Eu comecei a perguntar, a estudar e aprender. Através de dois colegas da Yeshivá conheci o Rabino Toren Hai, que era Sofer e também Shochet. Fui algumas vezes na casa dele no Rio de Janeiro. Comecei também a me comunicar com um outro Sofer de Petach Tikvá, em Israel. Este inclusive me mandou material para estudo e já queria que eu me habilitasse oficialmente como Sofer. Mas na minha cabeça, eu ainda não estava preparado. Foi só depois que cheguei a Israel que continuei a minha dedicação a Sofrut.

• Como o senhor poderia resumir o que faz um Sofer?

♦ Na realidade existem duas maneiras de trabalhar como Sofer. A primeira seria na revisão e concerto das Mezuzot e Tefilin. Os sábios concordam que se

deve fazer a revisão desses objetos sagrados duas vezes cada sete anos. A segunda maneira de trabalhar como Sofer, seria confeccionando e produzindo esses objetos sagrados. Enquanto estive na Yeshiva, só trabalhava com revisão de Tefilin e Mezuzot, muitas vezes encontramos nesses objetos papéis em vez de pergaminhos, e as pessoas nem sabiam disso e ninguém se interessava e eu passei a ajudar neste assunto. Somente quando cheguei a



Israel e me aprofundi mais nos estudos é que comecei também a produzi-los.

• Quantos Sefrei Torá o senhor já escreveu?

♦ Não é bem medido por Sefer Torá. Eu já escrevi na verdade, um Sefer Torá e muitas Meguilot, muitos Tefilin e muitas Mezuzot. Depende muito a que o sofer se dedica. A escrita do Tefilin e da Mezuzá é considerada de escrita pequena e a escrito do Sefer Torá é a escrita grande. Logo o Sofer pode escrever as duas escritas, e aí depende dos pedidos que tenha, fazendo com que seus clientes aceitem a sua escrita, conforme ele está acostumado a escrever. Ou por outro lado, o Sofer se

especializa em uma das escritas, pequena ou grande e se restringe a esses pedidos.

• Um Sefer Torá pode ser escrito por mais de um Sofer?

♦ Não é proibido, mas a grande maioria dos Sefarim no mundo inteiro foram escritos pelo mesmo Sofer. Mas a lei permitiu que dois Sofrim escrevam um mesmo Sefer Torá. A não ser que a letra deles seja muito diferente uma da outra aí tem o problema de "menumar", que é um Din (Lei) e que fala da aparência, que deve ser bela. Este Din se refere a todas as Mitzvot (preceitos) de D-us logo o Sofer também deve procurar que seus trabalhos estejam belos e em harmonia.

• Rabino, acreditamos que uma boa parte de nossos leitores seja de leigos no tocante a este assunto. Então pergunto-lhe, a título de esclarecimento e sem querer, de modo algum, desmerecer o seu trabalho, estando em pleno

século XXI, na era da tecnologia, dos computadores e robôs, por que precisamos continuar escrevendo Mezuzot, Tefilin e Sefer Torá a mão?

♦ Bem, acho que você vai ter que ampliar um pouco o seu jornal para que eu possa responder essa sua pergunta. Eu imaginava que nós chegaríamos a esta pergunta. Lá em Israel, eu também tenho que explicar muitas vezes, esta mesma situação. Primeiramente, de uma maneira geral, o ato de cumprir uma Mitzvá é fazer a vontade de D-us. Nós acreditamos que quando realizamos esta vontade Divina, estamos fazendo a ligação de nosso corpo através da nossa alma com os mundos espirituais. Podemos ilustrar da

seguinte maneira, um celular ligado a uma rede, ou seja habilitado corretamente, deveria funcionar e fazer com que nos comuniquemos com o resto do mundo, porém se este aparelho apresentar um minúsculo problema, como um fio desconectado, ou defeito de fabricação, não haverá comunicação com ninguém e o aparelho não irá funcionar. A mesma coisa acontece aqui, se não seguirmos exatamente como nos foi ensinado por Moshê Rabenu no Monte Sinai, como está escrito no Talmud que é a base do Shulchan Aruch (Códigos das Leis judaicas), não alcançaremos nossa "comunicação" com D-us. No exemplo da Mezuzá e do Tefilin, se não forem produzidos exatamente como nos foi ensinado, em seus mínimos detalhes, eles não alcançarão o objetivo para o qual foram criados que é o de proteger as pessoas de diversos perigos. No caso da Mezuzá, não apenas quando estivermos dentro de casa, mas também fora dela, e no caso do Tefilin, a proteção extrapola nossa imaginação e será expandida até o mundo vindouro após a nossa morte, como está prometido nas Escrituras. Não apenas isso, o Sofer também deve pronunciar toda palavra que for escrever, e através de sua boca vem o pensamento, a imaginação, vem tudo o que une o mundo; o fogo, a terra, a água e o vento. É através disso tudo, que o objeto ganha sua santidade e seu poder de realizar a vontade das pessoas, imbuídas no cumprimento das mitzvot.

• As letras que hoje nós conhecemos do Alef Bet e que com elas os sofrim escrevem Sefrei Torá, Mezuzot e Tefilin, seriam as mesmas que Moshê Rabenu escreveu a Torá e distribuiu às tribos de Israel?

♦ Com certeza, escrevemos com as mesmas letras, embora existam algumas diferenças entre as escritas dos teimanim, azkenazim e sefaradim. Nós sefaradim, usamos uma escrita antiga denominada "valis". As escritas de uma maneira geral são baseadas no sistema de órgãos que a letra é formada. Por exemplo: a letra "bet" é formada de um "dalet" e um "vav". A letra "alef" é formada de um "vav", "iod" e o "dalet". Cada letra é constituída por vários órgãos, a maneira exata de quais órgãos constituem uma determinada letra, nos foi transmitida no Monte Sinai através de Moshê Rabenu. Estes órgãos têm relação com as palavras que D-us criou o mundo. Não podemos mudar nada do que foi transmitido e passado.

• Rabino, o que são e para que servem os "taguim" (coroas, ornamentos)?

♦ Com respeito aos "taguim" podemos adiantar que existe muita ligação cabalística. De uma maneira geral, um tag tem a forma de uma espada e está escrito que eles servem, justamente, para matar os maus espíritos. Uma coroa é formada geralmente de três taguim, o tag do meio deve ser o mais alto dos três e o do lado esquerdo, esta é a maneira correta de fazer os taguim. Nem todas as letras levam taguim, existe uma discussão sobre esse assunto, quais letras devem levar taguim. Nós costumamos que as letras "shatnez gatz" (shin, ain, tet, nun, zain, guimel e tsadi) são obrigadas a ter três taguim e é preferível que as letras "bedek chaia" (beit, dalet, kuf, chet, iud e he) também tenham, sendo que apenas um tag.

• O que caracteriza um objeto sagrado passul (inapto para o uso)?

♦ Primeiramente precisamos ter certeza, que pelo fato de um objeto não estar sendo usado, não quer dizer que este possa ser desrespeitado e desprezado. Agora, quando temos certeza que um objeto está Kasher (apto para o uso), então podemos cumprir a mitzvá para a qual ele foi criado. E quando temos certeza que o objeto está "passul" então não podemos fazer a mitzvá. Além disso, nos ensinam os livros, que não é bom nem ter um objeto passul em nossas dependências, pois eles prejudicam invés de ajudar. É por isso que quando encontramos uma mezuzá feita de papel temos que eliminá-la e não utilizá-la dizendo "não tenho outra esta serve". Existe ainda objetos que estão aptos para o uso, mas não 100%. Por exemplo: falamos a pouco dos taguim, se encontramos uma letra que deveria ter taguim e não tem, não quer dizer que aquele objeto esteja passul, mas que pode continuar sendo usado e deve ser corrigido o problema para que esteja mais completo.

Outro exemplo, quando encontramos em um Sefer Torá, duas letras juntas uma com a outra, nós sefaradim temos que fechar aquele Sefer e tirar outro, já para outros, depende de vários detalhes importantes e que estão nos livros de leis sobre o assunto. No entanto, se falta uma letra em uma palavra, como foi o caso do Sefer Torá daqui de Belém que corrigi esta semana, aí então não existe nenhuma dúvida na lei, o Sefer está passul. Mesmo assim, falamos no início que não devemos desprezar o Sefer e inclusive, caso não exista outro na comunidade, podemos ler neste Sefer passul sem berachá.

• Bem Rabino ficamos muito gratos por sua atenção, e Shalom!
♦ Shalom Uvrachá.

BRA SCOMP[®]
COMPENSADOS DO BRASIL S.A.

Ø guloso não é aquele que come demais. é também o que fala demais. Ambos se excedem no uso de suas bocas: um, de fora para dentro: o outro, de dentro para fora.

(Rabi Yechiel de Mulganitza)

Distrito Industrial - Ananindeua - Pará

CASA REBELO

Alberto Rebelo e Cia. Ltda.

Materiais de Construção,
Ferragens em Geral
e Artigos para Pesca

Fones:

234-8462

233-3405

Fax: 633-2690

Rua Barão de São Domingos, 73
Centro - Manaus - Amazonas

O rei sábio

Era um rei muito jovem e muito sábio. Salomão

Sultana Levy Rosenblatt
Especial para AJ

Seu pai, o rei David, pouco antes de morrer, convocou a corte e anunciou: "De todos os meus filhos (porque muitos me deu o Senhor), Ele escolheu Salomão para herdar o meu trono".

O novo rei mal entrava na adolescência, como disse seu pai: "Ainda é moço e tenro" e ele próprio, Salomão, implorando a proteção Divina: "Sou ainda menino pequeno, não sei sair nem entrar". Compreendia assim a grande responsabilidade que teria de arcar governando um povo numeroso, e recorria ao Senhor para que o orientasse. E foi ouvido. Uma noite, em sonhos, uma voz lhe falou: "Pede o que desejares, que serás atendido". Deslumbrado, o moço implorou: "Dá-me um coração entendido para julgar e discernir entre o bem e o mal". Ouviu então a promessa do Altíssimo: "Já que não pediste grandezas, nem a morte dos teus inimigos, terás um coração tão sábio, que antes de ti nem depois de ti alguém te igualaria. E terás riquezas e glória como nenhum rei jamais teve ou terá". Assim começou Salomão, imbuído da centelha Divina, o seu reinado. Era um rei pacífico – "homem de repouso" – e logo conquistou a amizade e admiração dos outros reis. Cumulavam-no de presentes valiosos que vinham aumentar as riquezas já transbordantes no reino.

Um dos seus primeiros atos foi construir o Templo, como lhe ordenara seu pai. Para isso procurou Hurão, rei de Tyro, para que lhe fornecesse cedro, dando-lhe em câmbio gêneros alimentícios. Pediu-lhe também que lhe mandasse "um homem que soubesse lavar, cinzelar, trabalhar com ouro, prata, bronze e ferro..." E veio Hurão Abihu, "capaz para toda obra de ourives e para todas as engenhosas invenções". Nas mãos prodigiosas de Hurão Abihu foi entregue a construção do Templo. Edificaram-no no monte de Moriá, em Jerusalém. As paredes externas eram erguidas com pedras polidas, que se encaixavam umas nas outras, sem necessidade do uso de qualquer ferramenta.

Dentro, as salas eram revestidas de cedro, com adornos de anjos e flores em relevo. Duas majestosas esculturas de querubins, ambos de asas abertas, dominavam o ambiente. Onde quer que a vista parasse, encontrava uma obra de arte. Por toda parte rebrilhavam ouro e pedras preciosas. Nunca houve obra tão magnificante.

Terminado o Templo no fim de sete anos, Salomão fez construir dois palácios, um para a sua primeira esposa, a filha do Faraó, o outro para residência do rei. Este deslumbrante. Não só o prédio impressionava pela beleza dos detalhes que o decoravam exterior e interiormente, como pela pompa do mobiliário, a começar pelo trono todo de marfim e ouro.

Ao mesmo tempo em que o reino nadava em prosperidade, voava a fama da sabedoria do rei Salomão. Eram, sobretudo surpreendentes as suas decisões nos casos de julgamento de contendores. Ficou à história, imutável, através dos séculos, o caso de duas mulheres que disputavam um recém-nascido vivo, já que o filho de uma delas havia morrido durante a noite.

- É meu! – uma gritava.
- Mentira! – desmentia a outra – É meu!

O rei ouviu as diferentes versões contadas por ambas, refletiu um momento e logo ordenou aos seus guardas: "Tragam minha espada, vamos cortar ao meio a criança e cada uma fica com a metade".

- Muito bem! Nem eu nem ela! – regozijou-se uma das mulheres, ao passo que a outra, ajoelhada, implorava – "Não! Dê-lhe o menino, não o mate!"

- Esta é a mãe – disse o rei, entregando-lhe a criança -. Mulher toma teu filho!

Já então se propalava tanto a sabedoria do rei, como o esplendor do seu reino. A rainha de Sabá, incrédula, foi pessoalmente visitá-lo, para ver, com os seus olhos, o que escutava sobre o fausto em que ele vivia e comprovar a sua sapiência, ouvindo-o. Trouxe-lhe, além de presentes fabulosos, uma lista de perguntas enigmáticas, até então insolúveis. Impressionada pela maneira judiciosa como o rei respondia a

todas, uma a uma, a rainha sensibilizou-se e comovida declarou: "Rei supremo, sobrepujaste a fama que corre da tua grande sabedoria". A seu exemplo, outros reis vinham à corte de Salomão para o consultar, e ao mesmo tempo maravilhar-se com a abundância dos seus haveres. Tudo era abundante. Inúmeros serviçais, vestidos num luxo espetacular. Nas estrebarias, 400 cavalos relinchavam, quando não atrelados às incontáveis carruagens. Nos haréns, mil mulheres (700 esposas e 300 concubinas) gozavam a vida em perpétuo lazer, dedilhando instrumentos musicais, cantando, dançando ou passeando nos imensos jardins, onde entre as flores raras os pavões reais exibiam seu leque colorido.

Só a mente de Salomão poderia gravar o nome de cada uma dessas mil mulheres. Para o mundo futuro ficaram anônimas. Até mesmo a primeira esposa é mencionada somente como "a filha do faraó". Apenas uma se destacou do anonimato, talvez, quem sabe, fosse a preferida, ou pelo fato de ser a mãe de Roboão, o herdeiro do trono, chamava-se ela Naama.

O rei Salomão não perdia suas horas livres em ociosidade. Aproveitava esse tempo para elevar o espírito às regiões filosóficas e poéticas. Do fausto do seu reinado restou para a prosperidade o legado de um tesouro imperecível – 3000 provérbios e 1005 Cântico dos Cânticos.

Das suas observações sobre o desenrolar do tempo, concluiu que "Nada é novo debaixo do sol" e, deplorando a frivolidade humana, declarou: "Vaidade de vaidades, tudo é vaidade".



Um certo rabino de Praga, com fama de milagreiro, estava em seu escritório quando uma mulher atormentada foi bater à porta.

- Meu marido me deixou – ela chorava, entregando ao shamash a carta de despedida.

- É melhor mostrar esta carta ao rabino – disse o funcionário. – Espere aqui, volto já.

Ele voltou em poucos instantes e consolou a mulher.

- Fique tranqüila, senhora. O rabino mandou boas notícias. Dentro de setenta e seis horas, dezoito minutos e trinta e quatro segundos, o seu marido estará de volta.

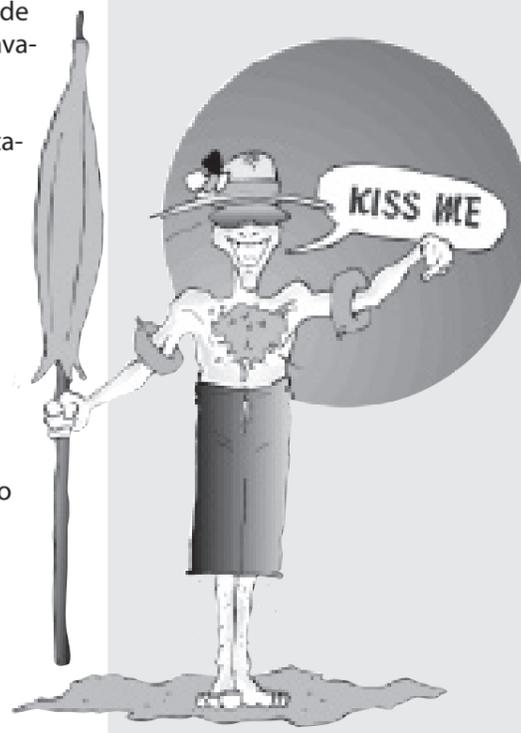
Quando a mulher, aliviada, se foi, o shamash voltou pra o escritório.

- Por que você está tão deprimido? – perguntou o rabino.

- É aquela mulher; sinto pena dela.

- O que há? Você não acredita que eu possa fazer milagres?

- Não se trata disso – respondeu o shamash. – Você só viu o bilhete. Eu vi a cara dela!



NUNCA ISRAEL ESTEVE TÃO PERTO DE VOCÊ

... (text in Hebrew) ...

Tu - Bishvát na Comunidade

CIP

O CIP realizou (19-01) com sucesso a festa de Tu-Bishvat. Na ocasião, inúmeras entidades se fizeram presentes. O Grupo Kadima ficou responsável pela animação da festa, para tanto, preparou pequenas estações de brincadeiras e disputas com premiações e brindes à todas as crianças presentes. Foi realizado, também pelo Grupo Kadima um concurso de desenho que apresentou o jovem Uriel Salgado (foto) como vencedor, escolhido por uma comissão julgadora.

As entidades femininas Wizo e Pioneiras também marcaram presença com suas barracas, uma de docinhos e a outra de salgados, respectivamente. A padaria do CIP oferecia o "Falafel" e a bebida. Um stande da Livraria Haai Books foi montado no local.

A presidente do Centro Israelita do Pará, Dra. Iana Barcessat Pinto fez a abertura da festa com um discurso ressaltando, ser talvez, a religião judaica a única que tem em seu calendário anual, uma festividade voltada à ecologia.

Em seguida o Rabino Moisés Elmescany proferiu palavras sobre a festa em si.

Mudas de plantas regionais, que faziam parte da decoração das mesas, foram plantadas por crianças no canteiro especialmente preparado para tal.

Uma bonita festa, que culminou com o deleite das delícias oferecidas pelas barracas.

Parabéns aos organizadores deste belíssimo evento!



• Os ganhadores do concurso de Desenho



• Plantando uma árvore



• Iana, visitando a barraca da Wizo



• Barraca das Pioneiras

CISA

A ONG, CISA - Congresso Internacional Israelita de Sociosfera na Amazônia, presidida pela Dra. Oro Serruya, realizou pelo terceiro ano consecutivo, importante evento no Jardim Botânico da Amazônia Bosque Rodrigues Alves, por ocasião do Tu-Bishvat - Ano Novo das Árvores. Na abertura do evento, a Banda de Música da 8ª. Região Militar (Exército Brasileiro) executou o Hino Nacional. Em seguida já em frente ao "Jardim da Aliança", espaço criado há três anos pelo CISA, dentro do próprio Jardim Botânico, a Dra. Oro Serruya proferiu algumas palavras destacando em seu discurso a oportunidade que o calendário hebraico nos dá de "comemorar a íntima conexão do homem com a terra e seu profundo amor e respeito às árvores". Ela também agradeceu a uma vasta gama de entidades e colaboradores. Várias autoridades e representantes presentes também discursaram, destacamos, no entanto, o irreverente Dr. Camilo Vianna incansável defensor da Amazônia e do Brasil no tocante a Ecologia. Em seguida, os presentes foram convidados a plantar uma muda no "Jardim da Aliança" e finalmente a assistirem uma apresentação cultural, onde o destaque ficou por conta do Grupo de Dança da Escola Clara Pinto.



• Público presente no evento promovido pelo CISA



• Senhora Mercedes Zagury plantando uma árvore no Jardim da Aliança



• Placa fincada no Jardim da Aliança (Bosque Rodrigues Alves)



Um piloto israelense estava voltando de uma missão sobre o território inimigo, quando uma rajada de metralhadora anti-aérea avariou seriamente seu avião. Uma asa havia quebrado e um motor estava em chamas. O piloto relatou à base aérea de Tel-Aviv as condições do avião.

- Mantenha a altitude e mude o curso para dois, cinco, três - orientou a torre.
- Os controles não funcionam e eu continuo caindo... Por favor, torre, aguardo suas instruções! - respondeu o piloto aflito.
- Após um longo silêncio, a voz proveniente da base se fez ouvir: - Fique calmo e repita comigo: "SHEMA ISRAEL..."

Adaptado da Enciclopédia do Humor Judaico - Henry D. Spalding - Ed. Sefer

VAI TRABALHAR, VAGABUNDO

- Rapaz, que pressa é essa?!
- Vou trabalhar já estou atrasado
- Trabalhar? Não me diga que ainda existe esta asneira?
- Claro que existe! E você, não trabalha?
- Nem eu e nem você ...
- Calma lá! Eu trabalho.
- Então, vamos ver. Quantas horas você trabalha por dia?
- Oito horas.
- E quantas horas tem o dia?
- Vinte e quatro horas, é lógico.
- Muito bem. O ano tem 365 dias de 24 horas. Se você trabalha um terço do dia, então 1/3 de 365 dias é 121. Você trabalha, portanto, 121 dias por ano. E quantos domingos há no ano?
- 52 domingos.
- 121 menos 52 são 69. Assim, você só trabalha 69 dias no ano.
- É! É isso mesmo!
- Quantos dias de férias você tem?
- 30 dias.
- 69 menos 30 são 39. Portanto, você só trabalha 39 dias por ano!
- ????????
- Contando todos os feriados no ano nós temos 12 dias de festas, onde não se trabalha. Agora veja bem: 39 menos 12 são 27. Você só trabalha 27 dias por ano!
- ????????
- Sábado você só trabalha meio-expediente. Um ano tem 52 sábados, portanto mais 26 dias sem trabalho, certo?
- Exato.
- 27 menos 26 é igual a um. Você só trabalha um dia por ano!
- Que diabo! Mas... de qualquer maneira trabalho um dia por ano, ainda bem.
- Aí que você se engana. Este dia é o Primeiro de Maio. Dia do Trabalho, e ninguém trabalha, inclusive você! Gostou?!

Autor desconhecido

AVISO SINAGOGA SHAAR HASHAMAIM

Comunica à todos os membros da Comunidade as novas taxas de utilização de suas instalações aprovadas em reunião de Diretoria para 2003:

| | |
|--|------------------------|
| Salão de festas: Eventos festivos | |
| Não Sócios - 400,00 | Sócios - 300,00 |
| Mishmará | |
| Não Sócios - 300,00 | Sócios - 200,00 |
| Nave do Templo: Casamentos | |
| Não Sócios - 1.000,00 | Sócios - 800,00 |
| Bar-Mitzvá e outras festividades | |
| Não Sócios - 700,00 | Sócios - 500,00 |

A DIRETORIA



“ TODOS OS SERES, TODOS OS ACONTECIMENTOS DE TUA VIDA ESTÃO ALÍ PORQUE TU OS INVOCASTES”. DE TI DEPENDE A DECISÃO DO QUE FAZER COM ELES.

De Ilusões
Plantar sentimentos

Essa semana (19-01) comemoramos Tu-Bishvat (o Ano Novo das Árvores). Nesta época é costume plantar uma árvore .

Apesar de toda a importância da natureza na vida do homem, porque será que a religião dá especial atenção às árvores e não ao ar ou ao mar ou às outras plantas de um modo geral? Porque o causador da expulsão do paraíso foi fruto de uma árvore e não de uma planta rasteira ou de um determinado animal? O fruto do pecado, diga-se de passagem, é fruto de uma figueira e não de uma macieira como pensa a maioria.

O plantio de uma árvore é ainda citado como uma das três coisas necessárias à realização do homem.

Talvez a importância que é dada à árvore venha do fato de na árvore ser visível, mais do que no homem ou em outros animais, a ligação que existe entre o criador e a criatura, entre mãe e filho, semente e fruto, entre o cuidado e resultado, o plantar e o colher.

Sua diferença em relação ao homem é que não anda e não fala. Fato esse que talvez contribua para ser mais perfeita, já que se torna, desta forma, impedida de blasfemar, invejar

e praguejar contra seu semelhante. Talvez seja ela, na natureza, a espécie mais completa. Tem ela qualidades que o homem não conseguiu conservar em sua "evolução", ela dá sombra, abrigo, alimento e morada a tantos outros seres. Não fala nem cobra pelo serviço.

Ela nasce, cresce, dá frutos e morre. Durante sua vida apesar de tantas coisas boas que produz, ainda assim, aparecem ervas para lhe sugar e apagar o esplendor de sua formosura.

Esse ano podemos tentar fazer diferente. Além de plantarmos árvores poderíamos plantar sentimentos positivos em relação ao próximo, deveríamos cultivar mais amor e semear mais amizade. Devemos seguir o exemplo das árvores, dar sem esperar retorno.

Se jogarmos uma boa semente é mais provável que colhamos bons frutos.

Então, aqui vai um texto para reflexão.

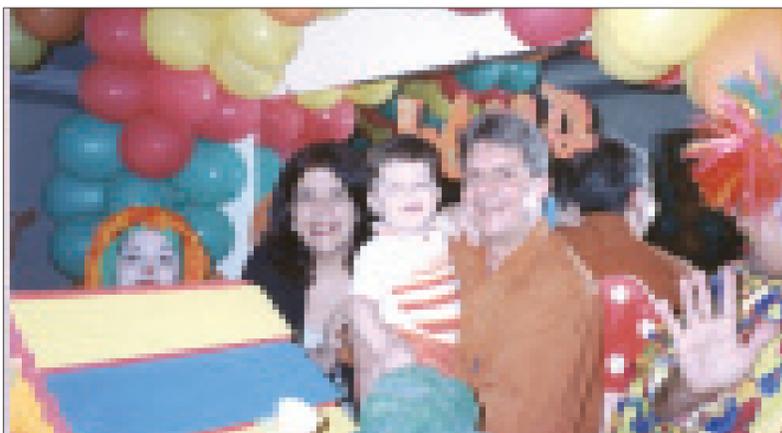
Vai & Vem

Um menino e um pai caminhando por uma montanha, de repente, o menino cai, se machuca e grita: - Ai! Para a surpresa, escuta sua voz se repetindo em algum lugar da montanha: - Ai! Curioso, o menino pergunta: - Quem é você? E recebe de resposta: - Quem é você? Contrariado grita: - Seu covarde! E escuta como resposta: - Seu covarde! O menino olha para seu pai e pergunta aflito: - O que é isso? O pai sorri e fala: - Meu filho, preste atenção. Então o pai grita em direção a montanha: - Eu admiro você! A voz responde: - Eu admiro você! De novo, o homem grita: - Você é um campeão! A voz responde: - Você é um campeão! O menino fica espantado. Não entende. E o seu pai explica: - As

peças chamam isso de eco, mas na verdade, isso é a vida. A vida lhe dá de volta tudo o que você diz, tudo o que você deseja de bem, ou mal aos outros. A vida lhe devolverá toda blasfêmia, inveja, incompreensão, falta de honestidade que você desejou, praguejou às pessoas que lhe cercam. Nossa vida é simplesmente o reflexo das nossas ações. Se você quer mais amor, compreensão, sucesso, harmonia, fidelidade, crie mais amor, compreensão, harmonia no seu coração. Se agir assim, a vida lhe dará felicidade, sucesso e amor das pessoas que o cercam. Reflita... e melhore sua vida enquanto há tempo!

Autor desconhecido

Parabéns



O Sítio do Pica-pau Amarelo foi o tema escolhido por Rubem e Daniela para comemorarem, no dia 15 no Alfajor Buffet os 2 aninhos de Victor Serruya que se divertiu a valer com seus amiguinhos. Mazal Tov!

2 anos

Allan Messod, filho de Moisés e Silvia. Comemorações na intimidade.

11 anos

Renata Sicsú chamou a garotada do Kadima em sua residência para comemorar a data de seu aniversário. A meninada adorou.

15 anos

Daniel Bemerguy Pontes comemorou 15 anos no dia 18. Sua mãe Bonina Bemerguy , convidou seus amigos para uma festa que se estendeu até tarde com todos se divertindo a valer.



13 anos

Ana Myrian Serruya reuniu os amigos no dia 16 na boate Signo's para festejar a chegada de mais um ano.



Seudá

O patriarca da família Lancry, Jacob Lancry, ao lado de sua esposa Simy Benmuyal Lancry, e de seus filhos Fortunato, Rabino Yossef que veio especialmente de Israel, Messody que veio do Rio e Esther que veio de Recife, comemorou 80 anos de vida. A data foi festejada na Sinagoga Shaar Hashamain, com uma bonita seudá oferecida pela família com direito a diversas homenagens emocionantes ao aniversariante.

89 anos

A querida e estimada Cota Levy comemorou ao lado dos filhos e netos. Seus parabéns também foram cantados na reunião da wizo, onde D. Cotinha é assídua participante .

Niver

Dia 17 Oro Serruya ,esposa de Isaac Jaime Serruya, comemorou idade nova. Ela que é estimada pelos que a cercam, reuniu a família para um almoço no Restaurante lá em Casa. Para você... Salud e Vida, Mejorado 127!

Bonito

Dia 21 Rachel Benchimol Malaquias comemou a chegada de uma nova fase, com um bonito gesto; pediu aos presentes latas de leite para serem doadas. O nat de Raquel aconteceu no Alfajor.

Bodas

Quem completou 40 anos de casamento foi Isaac e Clara Barcessat. Vai haver festa! Mejorado 100!

Despedida

Ishai Elarrat mudou-se para Barbacena - MG onde atualmente está estudando para piloto. Sua festa de despedida realizou-se na residência de Marcos Jaime e Alegria Belicha. Deixou saudades!!!

Comenda

Foi homenageado com a Comenda "Francisco Caldeira Castelo Branco" o médico Dr. Benjamim Abraham Ohana, recebendo a mesma do Excelentíssimo Prefeito Edmilson Rodrigues, sendo este acontecimento motivo de orgulho para toda sua família e nossa comunidade.

Secretaria

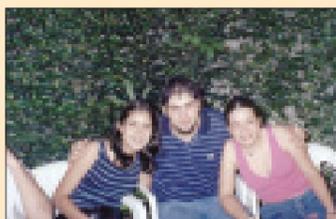
Esther Bemerguy está assumindo a Secretaria Municipal de Saúde. Parabéns!

Eleição

A Sinagoga Essel Abraham convocou Assembléia Geral e realizou eleições para sua nova Diretoria. Não havendo nenhuma chapa candidata, ficou aprovada pela Assembléia Geral, que uma junta de quatro pessoas do kahal, faria um mandato de transição até Pessach do ano que vem (2004). Os componentes da junta são: Leão Ohana, Moisés Melul, Moisés Nahmias e Jimmy Israel. Desjamos a eles total sucesso!

Casa nova

Adele e Asher Benzaquen, reuniram grupo de amigos. Motivo: inauguração da bela casa na Rua Efigênio Sales. Feliz Chanukat Habait a toda a família Benzaken.



Gabriel Ghidalevich, Rebeca Benchimol e Nina Benzaquem, é a turma jovem agitando!

Boa viagem!

O gatinho Yuri Faber, está de malas prontas, dia 4 de fevereiro parte para Israel vai fazer aliá. Nessiá Tová – Boa viagem e Mazal tov!

Pombinhos apaixonados

Romance novo na comunidade, Rebeca Ohana e Marcelo Sabbá! Fazem um belo casal.



Parabéns, Lia Israel

Lia Israel Amaral fez 4 aninhos, e papai Hermes e mamãe Amarilis reuniram a turminha pequena para cantar ...parabéns pra você nesta data querida...

Novidades à vista

Nina e Simão Pecher estão de volta depois de temporada carioca. Nina trazendo mil novidades em termos de técnicas de tratamentos estéticos. Vale a pena conferir.

Reforma elogiada

Muito elogiado o excelente trabalho de levantamento dos nomes dos antigos proprietários das cadeiras e cor original da sinagoga de Manaus, feitos por Anne Benchimol, durante a recente reforma. Aliás, ficou uma beleza e foi doação da família Benchimol em memória de seu patriarca Samuel Benchimol z'l. Estamos aguardando a inauguração!

Contribuição

A Morá Rebeca Ohana está de parabéns pelo bonito trabalho realizado com a turma do Bat – Mitzvá e contribuiu assim, para o brilho da festa.

Aniversário I

Jóia Israel comemorou troca de idade em dezembro e reuniu pequeno grupo de amigos e familiares. Parabéns!

Aniversário II

Outro aniversário no mês de dezembro foi de Mery Benchimol, que comemorou em família. Muitas felicidades!



Grupo de meninas do Bat - Mitzvá realizado na sinagoga Beit Yacov - Rebi Meyr :

Anne Ezaguy, Bianca Abecassis Ferreira, Camila Pereira, Hana Laredo, Sarah Israel, Jamily Garcia, Jéssica Serruya, Mabel Bentes, Zahra Harpyvasab e morá Rebeca Ohana.

Retorno

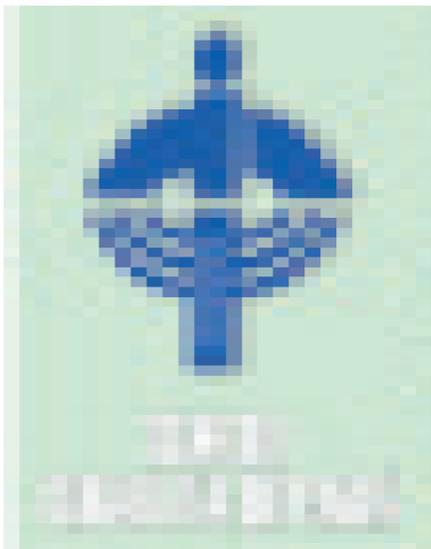
Polyana Benayom está de volta à Manaus, depois de longo período de estudos em Israel, para alegria de sua mãe Mariel. Bem vinda!

Mamãe coruja

Curtindo merecidas férias na terra, David Benayom, que estuda na Yeshivá de Cutia em São Paulo. Mamãe Mariel está duplamente feliz.

De volta à terrinha

Shalon Daham participou de curso em Israel e já está de volta entre nós. Luciana Cohen está radiante!



nononi

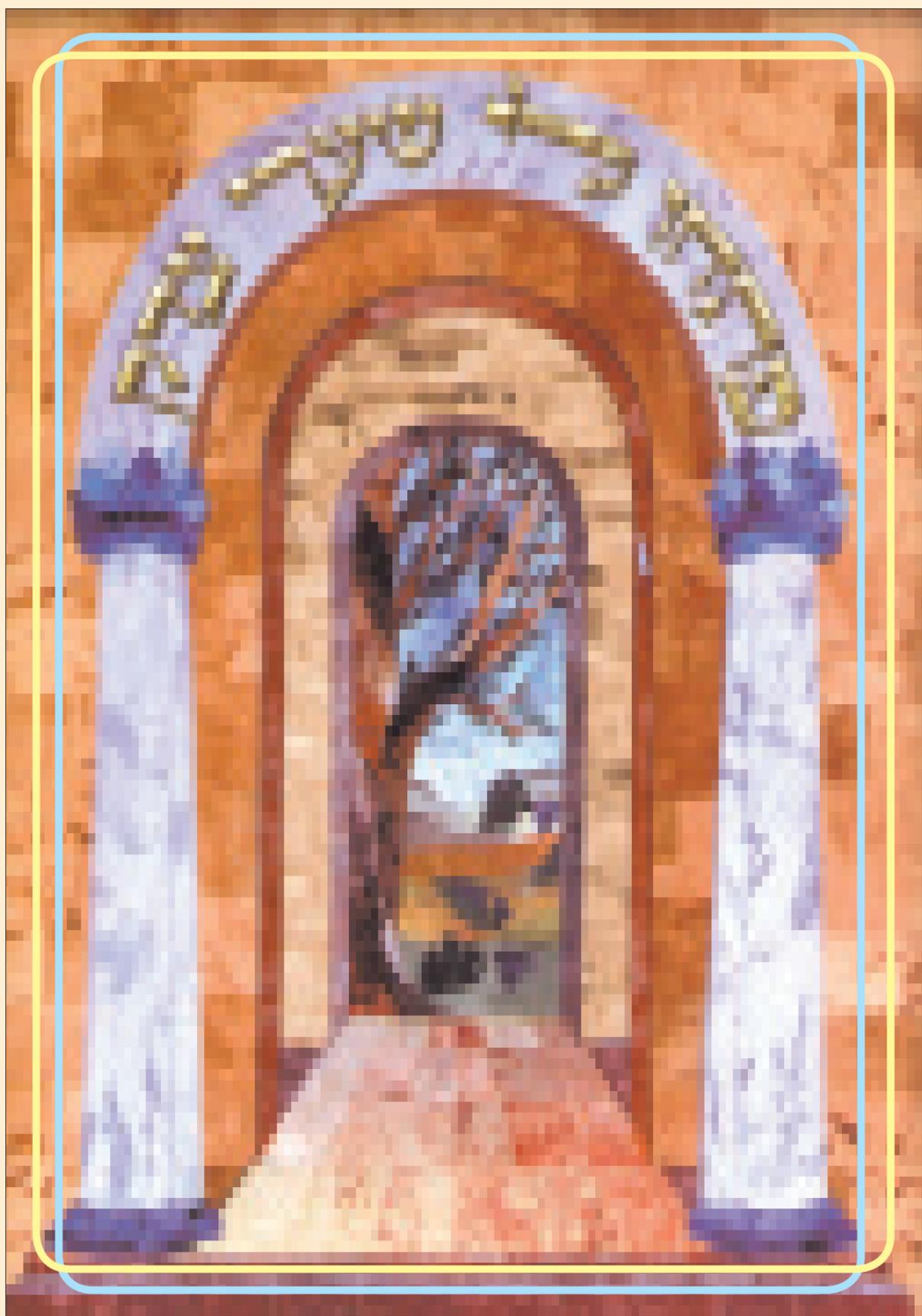
♦ Página 2

NO
NO
NO
NO
NO



NO
NO
NO
NO
NO

NO
NO
NO
NO
NO



EDITORIAL

Finalmente chegou o dia mais alegre de todos - Alegria da Torá. Momentos de extrema felicidade, onde o

Ativos biológicos amazônicos para aplicações em cosméticos, fitoterápicos e alimentícios

ÓLEOS ESSENCIAIS, ÓLEOS FIXOS, EXTRATOS VEGETAIS E CORANTES



MAGAMA INDUSTRIAL LTDA - Fone: (XX92) 618-5113 Fax : (XX92) 618-5103 End: Estrada do Aleixo S/N Ramal da Alba Cep : 69060 - 000 Manaus - AM Brasil e-mail: magama@magama.com.br